



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO DA CUNHA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA ELIANE GOMES DE SOUZA

**O DESAFIO DAS MENINAS NIGERIANAS PERANTE À EDUCAÇÃO: UM
RECORTE SOBRE AS ATUAÇÕES DO GRUPO EXTREMISTA BOKO HARAM**

**JOÃO PESSOA
2022**

MARIA ELIANE GOMES DE SOUZA

**O DESAFIO DAS MENINAS NIGERIANAS PERANTE À EDUCAÇÃO: UM
RECORTE SOBRE AS ATUAÇÕES DO GRUPO EXTREMISTA BOKO HARAM**

Trabalho de Conclusão do Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Segurança Humana e Política Internacional

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre

**JOÃO PESSOA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729d Souza, Maria Eliane Gomes de.

O desafio das meninas nigerianas perante a educação [manuscrito] : um recorte sobre as atuações do grupo extremista Boko Haram / Maria Eliane Gomes de Souza. - 2022.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre , Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Feminismo islâmico. 2. Segurança humana. 3. Terrorismo. 4. Nigéria. I. Título

21. ed. CDD 301

MARIA ELIANE GOMES DE SOUZA

**O DESAFIO DAS MENINAS NIGERIANAS PERANTE A EDUCAÇÃO: um
recorte
sobre as atuações do grupo extremista Boko Haram**

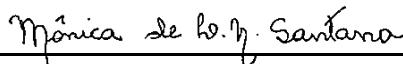
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Relações
Internacionais.

Aprovada em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Mônica de Lourdes Neves Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Anna Carletti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

We have a world full of women who are unable to exhale fully because they have for so long been conditioned to fold themselves into shapes to make themselves likeable.

Chimamanda Ngozi Adichie (2017)

À minha mãe Franciely, minha avó Euridice,
meu irmão João e meu pai Sebastião,
DEDICO

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus anjos da guarda terrenos que me guiam e me incentivam sempre, em especial a minha mãe, Franciely, que sempre me apoiou e me mostrou, pelo exemplo, como a educação é importante e transforma realidades, é meu ponto de paz, equilíbrio e maior exemplo de força e resiliência que eu conheço, tudo que eu faço é pensando você.

Ao meu irmão, João, que me faz ser uma pessoa melhor todos os dias e é meu melhor amigo há 19 anos, à minha avó, Euridice, que eu amo incondicionalmente e sempre está ao meu lado e ao meu pai, Sebastião, que me trouxe afago a alma nos momentos difíceis dessa jornada. Sem vocês, eu nada sou.

Aos meus amigos irmãos, minha família do coração Alice, Thalya, Edvania, Naiara, Andressa, Vinicius, Vilma, Gabriela, Thainá, Karol, Luiza, Isabele, Emilly, Ruth, Valniele, que estiveram comigo desde o início. Obrigada por tanto amor, compreensão e parceria nessa jornada, vocês fizeram tudo ficar mais leve, amo vocês!

À Eleven Jr., e todos os meus colegas empresários juniores. Vocês me ajudaram a esclarecer meu propósito, me deram motivos para continuar o curso, me proporcionaram vivências profissionais incríveis que eu vou levar para toda vida.

Ao PUA, vocês me fizeram entender minha paixão pela educação e por crianças, alegraram meus dias e me fizeram chorar nas Reuniões do Coração. Obrigada por mudarem a vida de cada pessoa que entra nesse projeto. Vocês são malucos e eu amo isso!

Aos meus professores do ensino médio, Larissa, Jailson, Narinha, Fred, Mário, Tiago, Marcos, Giulle, são minhas inspirações. Obrigada por cada conselho e dedicação.

Aos professores Fábio, Cristina, Alexandre, Silvia, Paulo, Ana Paula e Caio, vocês são exemplos. Obrigada por toda paciência e dedicação.

À todos os meus amigos da Paraíba, meus presentes desse Estado mais lindo do mundo, obrigada por tudo, vocês fizeram a diferença na minha vida.

À minha amada UEPB, obrigada por me proporcionar momentos tão únicos, com pessoas tão incríveis.

À João Pessoa, obrigada por me mostrar a beleza do mar e do rio Sanhauá. O lugar mais lindo e acolhedor que eu poderia ter escolhido para viver essa jornada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 UM OLHAR SOBRE A NIGÉRIA : ESTADO, EDUCAÇÃO E MENINAS	11
1.1 A Nigéria.....	11
1.2 A Origem do Estado.....	15
1.3 A Educação na Nigéria.....	17
1.4 O que é ser menina na Nigéria ?.....	18
2. BOKO HARAM.....	20
2.1 História e insurgência do Boko Haram.....	20
2.2 Objetivos do Boko Haram.....	22
2.3 A atuação do Boko Haram na Nigéria.....	22
2.4 Uma perspectiva do Boko Haram na educação.....	25
3. CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DO BOKO HARAM NA EDUCAÇÃO À LUZ DA SEGURANÇA HUMANA E DO FEMINISMO ISLÂMICO.....	26
3.1 Ataques em escolas nigerianas.....	28
3.2 O sequestro das meninas de Chibok.....	29
3.3 Boko Haram e o fechamento de escolas na Nigéria.....	31
3.4 Mudanças estruturais na educação.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

RESUMO

Este trabalho visa analisar o desafio das meninas nigerianas perante à educação: um recorte sobre as atuações do grupo extremista Boko Haram, com base na Teoria Feminista e Segurança Humana, a partir da análise histórica da Nigéria, o surgimento do Boko Haram e a consequência de suas ações na educação. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, básica, documental-bibliográfica e histórica, questionando as ações do Boko Haram e como as mesmas influenciam na educação das meninas nigerianas. Por fim, os resultados mostram que os ataques do Boko Haram colocam as meninas numa situação de insegurança humana, que suprime o acesso das mesmas à educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Feminismo Islâmico, Nigéria, Segurança Humana, Terrorismo

ABSTRACT

This work aims to analyze the challenge of Nigerian girls in relation to education: an excerpt on the actions of the extremist group Boko Haram, based on Feminist Theory and Human Security, based on the historical analysis of Nigeria, the emergence of Boko Haram and the consequence of their actions in education. Methodologically, the research is qualitative, basic, documentary-bibliographical and historical, questioning the actions of Boko Haram and how they influence the education of Nigerian girls. Finally, the results show that Boko Haram attacks place girls in a situation of human insecurity, which suppresses their access to education.

KEYWORDS: Education, Islamic Feminism, Niger, Human Security, Terrorism

INTRODUÇÃO

As meninas de hoje são as mulheres do amanhã e, entendendo isso, fica mais claro inferir que os problemas que causam a desigualdade de gênero, em todos os âmbitos das relações sociais, começam na infância (LOPES, 2016).

A partir disso, a Nigéria tem sérios problemas de segurança, especialmente nos estados do norte, com as atividades do grupo Boko Haram, que afirma estabelecer um Estado Islâmico governado pela Sharia, lei islâmica. Considerada a maior economia da África Subsaariana, a Nigéria possui sua economia voltada para o petróleo e é um dos maiores produtores desse combustível fóssil do mundo.

Desde a independência, a Nigéria permaneceu um estado multiétnico com vários grupos religiosos responsáveis por conflitos étnico-religiosos na forma de insurgências, sabotagem, assassinatos, lutas armadas, guerrilha e secessão, com implicações para o desenvolvimento político e econômico do país.

Com isso, a privação de educação no norte da Nigéria é motivada por vários fatores, incluindo barreiras econômicas e normas e práticas socioculturais que desencorajam a frequência à educação formal, especialmente para meninas. As oportunidades para mulheres de acesso à educação, trabalho e espaço dentro da sociedade nigeriana varia de região para região dentro do país, sendo o Norte o que está em mais desvantagem quando em comparação ao Sul.

Logo, a sociedade Nigeriana é dirigida por um sistema patriarcal, que movimenta tanto homens como mulheres em sentidos distintos. Sendo algumas áreas, como o mercado de trabalho dominado por eles, apesar de ser composto por uma quantidade significativa de mulheres, que estão em postos inferiores, e fora dos empregos formais.

Com isso, o Boko Haram usa táticas de guerra como assassinato em massa, ataques a populações indefesas, dispositivos explosivos, carros-bomba e ataques suicidas para matar civis em locais públicos.

Em oito estados do Norte, mais de 80% das mulheres não sabem ler em comparação a 54% dos homens. No estado de Jigawa, 94% das mulheres e 42% dos homens são analfabetos. As meninas abandonam a escola mais cedo do que os rapazes. Mais de dois terços das que têm 15-19 anos de idade no norte da Nigéria são incapazes de ler, enquanto no

Sul esse número é de 10%. Só 3% das moças completam o ensino secundário nas zonas Norte (ALENCAR, 2021).

Logo, a pesquisa é baseada na seguinte pergunta: “De quais formas o Boko Haram influencia no processo educacional das meninas nigerianas?”. Ademais, o objetivo desta pesquisa é analisar as ações do grupo extremista Boko Haram que implicam no acesso à educação de meninas nigerianas, haja vista a proporção global que tomaram os ataques às escolas de meninas na Nigéria e sua influência na segurança e acesso à direitos das meninas.

Além disso, a temática escolhida para a formação desta pesquisa surgiu a partir de grupos de pesquisas voltadas à educação para a construção da paz nas escolas, além do envolvimento em projetos sociais também voltados à temática, a fim de contribuir academicamente com a busca de soluções da problemática em questão.

Para cumprir com os objetivos propostos, a pesquisa foi básica, exploratória, qualitativa, documental-bibliográfica e histórica, contextualizando a problemática exposta, e identificando causas e efeitos da atuação do Boko Haram e como suas ações influenciam na educação das meninas nigerianas.

Outrossim, a base teórica da pesquisa foi o Feminismo Islâmico, visto que traz à tona problemas de gênero e de identidade cultural religiosa e busca romper estereótipos de uma estrutura que oprime de acordo com cultura ou gênero, e a Segurança Humana, pois as meninas são colocadas em situação de insegurança, ameaça e segurança social.

O trabalho está dividido em tópicos e subtópicos que abrangem a temática em questão. Na primeira parte, o trabalho busca esclarecer o histórico da Nigéria, com características físicas e culturais do país, dissertar acerca da origem do Estado, desde sua colonização até os tempos atuais, explanar o modelo de educação nigeriano e responder o questionamento “O que é se menina na Nigéria?”

Na segunda parte, o trabalho busca explicar a história, insurgência, objetivos, sua atuação e a visão do Boko Haram na educação.

Por fim, os resultados desta pesquisa, que serão expostos no tópico 3, falando sobre o as consequências do Boko Haram na educação, juntamente com as considerações finais no tópico 4, mostrará que os ataques cometidos pelo grupo extremista Boko Haram não ocasionaram mudanças estruturais no modelo de educação nigeriano, todavia, colocam as meninas numa situação de insegurança humana, que suprimem o acesso das mesmas à educação.

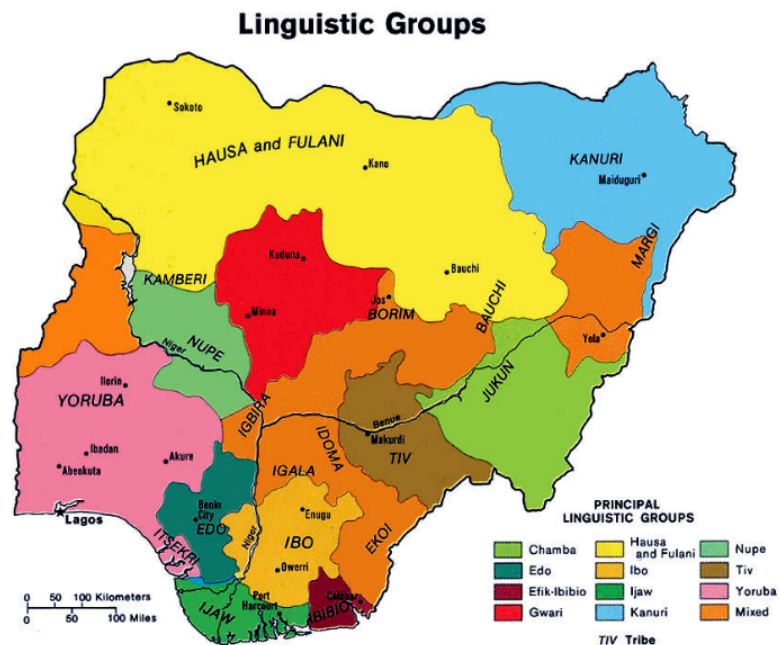
1. **UM OLHAR SOBRE A NIGÉRIA: ESTADO, EDUCAÇÃO E MENINAS**

Nas últimas décadas, a Nigéria encontrou uma grande parcela de sua população marginalizada e em situações socioeconômicas muito difíceis. O país é o mais populoso do continente africano e possui enorme diversidade linguística, religiosa e regional.

A população da Nigéria é composta por mais de 250 grupos étnicos diferentes, agrupados em quatro grupos étnicos principais: Hausa e Fulani, Ioruba e Igbo. Após uma série de processos após a Segunda Guerra Mundial, que incluíram a promulgação de várias constituições (1947, 1951 e 1954) e a transferência gradual do poder dos britânicos para os nigerianos, a Nigéria tornou-se oficialmente independente em 1960, seguindo a fronteira atual.

1.1 A NIGÉRIA

A Nigéria, considerada “o gigante da África”, é o país mais populoso do continente africano e o oitavo mais populoso do mundo com cerca de 150 milhões de habitantes, conforme a Figura 1. Caracterizada pela sua forte diversidade étnica, o país possui em todo seu território mais de 250 grupos étnicos, que se concentram em quatro grandes grupos: os Hausa (30%) e Fulani (6%) no Norte, Iorubá (15,5%) no Sudoeste e Igbo (15,2%) no Sudeste.

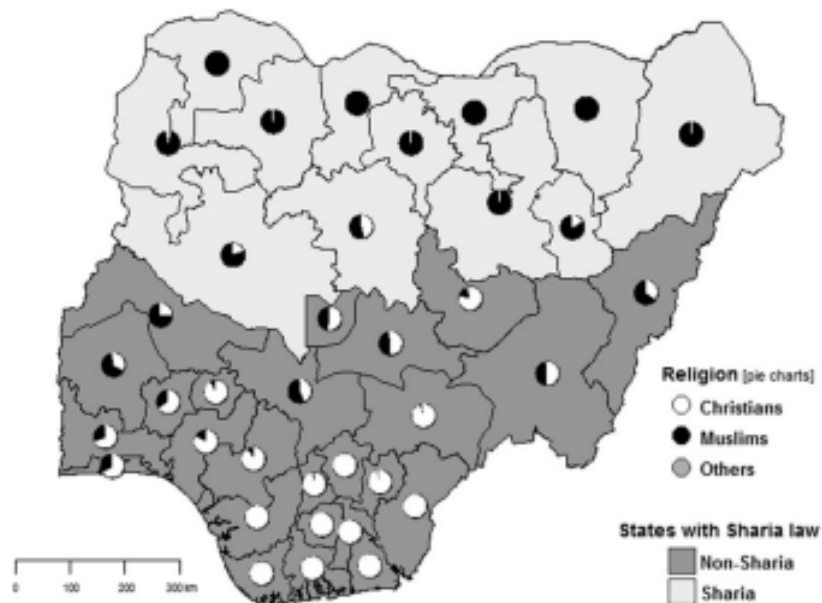
Figura 1: Mapa dos Grupos Linguísticos da Nigéria

A quantidade de grupos étnicos origina uma profunda pluralidade cultural no país que pode também ser identificada nas línguas faladas na região. Além de possuir o inglês como idioma oficial, há também as línguas Hausa, Yoruba, Igbo (Ibo), Fulani e mais de 500 línguas indígenas. Localizada na África Ocidental, a Nigéria se encontra na fronteira com o Golfo da Guiné, entre Benin e Camarões e, por possuir área total de 923.768 km², está em 33º lugar no ranking de maiores países do mundo em extensão territorial (BOUNER, 2015).

Além disso, uma outra característica da região é a pluralidade, também observada na religião. Os nigerianos representam diferentes religiões, todavia, a maior parte da população pertence ao islamismo ou ao cristianismo, sendo 53,5% da sociedade composta por muçulmanos, 35,3% por outros cristãos, 10,6% por católicos romanos e 0,6% por outras religiões (PADEN, 2015).

O islamismo tem sua maior concentração no norte do país e, até o início do século XIX, quando se instituiu o Califado de Sokoto, o islamismo era principalmente uma religião de elite, visto que as leis do islã eram utilizadas pela realeza da época para exigir controle e estabelecer alianças com os estados islâmicos. Apesar disso, povos como os Hausa também começaram a se identificar com o islamismo. O cristianismo, segunda maior religião presente na Nigéria, localizado no cinturão sul e médio, cresceu na região com o contato com os missionários europeus. (FALOLA; HEATON, 2018).

Figura 2: Composição religiosa por estado na Nigéria em 2013



Fonte: Stonawski, Potančoková, Cantele, Skirbekk, (2016)

Considerada a maior economia da África Subsaariana, a Nigéria tem o petróleo que é um dos maiores produtores desse combustível fóssil do mundo. Em 1970, ano da entrada da Nigéria na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), o petróleo tornou-se a *commodity* mais significativa da região, tornando-se protagonista nas receitas públicas e de exportação. Todavia, apesar do seu grande potencial, a ascensão do país tornou-se um obstáculo durante a história devido à sua instabilidade política, má administração, golpes de estado, conflitos e corrupção (FALOLA; HEATON, 2018).

A presença de pelo menos 250 grupos étnicos na Nigéria assevera uma gênese histórica que deriva de uma diversidade de povos, contudo a primeira civilização residente de que se tem registo são os Nok, um povo que se estabeleceu na confluência dos rios Níger e Benué em 800 a.C, também considerado uma das civilizações mais avançadas da costa ocidental africana (BOUNER, 2015).

Entre o século XI e o da conquista colonial europeia, no final do séc. XIX, a área em torno da Nigéria abrigou uma série de sociedades sofisticadas e influentes, que terão desenvolvido extensas redes de comércio em todo o Sahara. Os impérios mais notáveis foram o reino nordeste de Borno, o Hausa de Katsina, Kano, Zaria e Gobir no Norte-central da Nigéria, os Yoruba de Ife, Oyo, e Ijebu no sudoeste da Nigéria, o reino do sul de Benin, e as comunidades Igbo a leste do país (PADEN, 2015).

Conforme explica Visentini (2011), antes da colonização, Yorubás e Igbos foram povos com tradições mercantis fortes e sistemas democráticos de governo. Diferenciavam-se em grande parte pelo facto de que os Yorubás viviam em cidades muradas com ruas amplas,

imprimindo uma tradição urbana, enquanto os Igbos habitavam em comunidades mais primitivas, embora tivessem um governo democrático e mobilidade vertical. Os Hausa-Fulani, por sua vez, eram um grupo bastante diverso de uma comunidade dominada por emires, com elevado grau de centralização, mas sem qualquer mobilidade social (ANDRADE, 2017).

O Federalismo então incipiente na Nigéria, foi baseado na criação das regiões administrativas do Leste e do Oeste, mas posteriormente também do Norte, com o intuito de conciliar as tensões regionais e religiosas, bem como acomodar o interesse de diversos grupos étnicos, principalmente os Ibos (no Leste), os Yorubás (no Oeste) e os Hausa e Fulani (no Norte) (BOUNER, 2015).

Em geral, alguns indicadores de um estado falido podem ser identificados na Nigéria (HAMZAT, 2015; IFOWODO, 2009). Por um lado, a pobreza e a corrupção generalizada, fenômenos que persistem desde os tempos coloniais, mas aumentaram após a independência política do país, refletem a ausência de autoridade e liderança do Estado. Por outro lado, a persistência de conflitos étnico-religiosos, que evidenciam não só a fragilidade das instituições, mas também a incapacidade do Estado em encontrar uma solução para este clima de grande instabilidade e incerteza.

O crescimento da economia do petróleo provou ser uma bênção e uma maldição para a Nigéria. Embora o petróleo se traduza em receita e potencial de crescimento econômico de um país, apenas uma minoria se beneficia dessa riqueza. A maioria da população na Nigéria continua pobre. Indicadores de pobreza como mortalidade infantil e materna, desnutrição, acesso à água e saneamento e expectativa de vida têm mostrado sinais de deterioração nos últimos anos (OLOKE, 2022).

Longos períodos de seca, infertilidade do solo, analfabetismo, fome, falta de saneamento, baixa produtividade, corrupção e desemprego são algumas das causas da pobreza na Nigéria (ADAWO, 2011). Além desse grave problema social, a Nigéria também é classificada pela Transparência Internacional (2015) como um dos países mais corruptos do mundo. Segundo dados do think tank, em 2021, o Índice de Percepção da Corrupção classificou a Nigéria em 154º lugar entre 175 países pesquisados sobre corrupção no setor público.

Segundo Onigu Otite (2000), a corrupção na Nigéria pode ser dividida em cinco grupos: política, econômica, burocrática, judicial e moral. Ela se manifesta praticamente na inflação de contratos, na troca de comissões, na fraude e falsificação de contas nos serviços públicos, na negligência, no uso de propinas, na distorção da justiça e da polícia, câmbio, contrabando, lavagem de dinheiro e envio para paraísos fiscais (IKE, 2009).

Segundo Idowu-Fearon (2005), a Nigéria está dividida em seis zonas geopolíticas nas quais coexistem muitos grupos étnicos e a aparente competição entre cristianismo e islamismo acentua essa divisão e também dita seu desenvolvimento político e econômico. O Norte domina a política enquanto o Sul domina a economia. A consequência imediata é que o Sul é pró-ocidental enquanto o Norte é anti ocidental e pró-muçulmano (IDOWU-FEARON, 2005).

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (2008), a zona norte do país, majoritariamente muçulmana, apresenta piores índices econômicos em relação à zona sul. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita nos estados do sul do país é superior ao da zona norte, principalmente os localizados no nordeste da Nigéria, o que pode ser explicado pela concentração de exploração de petróleo naquela região. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (2008), a incidência da pobreza é maior na zona norte do país.

Desde a independência, a Nigéria permaneceu um Estado multiétnico com vários grupos religiosos responsáveis por conflitos étnico-religiosos na forma de insurgências, sabotagem, assassinatos, lutas armadas, guerrilha e secessão, com implicações para o desenvolvimento político e econômico do país (SALAWU, 2010).

As causas dos conflitos são multidimensionais e muitas residem em alegações de negligência, opressão, supremacia, discriminação, marginalização, nepotismo e fanatismo e, sobretudo, a incapacidade dos líderes nigerianos de governar e governar bem o país (PADEN, 2015).

A fragilidade do Estado nigeriano está relacionada ao passado colonial e sua história de confrontos regionais e étnico-religiosos, pobreza populacional, má governança, corrupção de elite, degradação ambiental, desenvolvimento insuficiente de infraestrutura, crime e instabilidade política, entre outros (ALJAZEERA, 2015). Essa situação criou grupos de cidadãos descontentes que buscam alternativas ao Estado e se juntam ao grupo Boko Haram, que é um grupo armado que surgiu em um cenário muito favorável ao fundamentalismo e ao extremismo.

1.2 A ORIGEM DO ESTADO

A Nigéria surgiu em 1914, após a fusão dos protetorados britânicos do Norte e do Sul, com a finalidade de estruturar um estado colonial consolidado. A região anterior à colonização britânica era composta por vastos impérios, cada um com sua organização, estrutura e governos diferentes (BOURNE, 2015).

Estas disputas por poder e as divisões no país ocorreram desde a sua colonização. Por tratar-se de um território muito grande, todas as regiões precisavam de representação política entre os grupos étnicos e os nigerianos não poderiam ter um Estado forte se eles não tivessem representação para todos estes grupos. Para que houvesse legitimidade seria necessário que a distribuição entre eles fosse equitativa. (BAH, 2004).

Historicamente, a Nigéria não teve êxito em eleger líderes que apoiavam a descentralização do poder central (BAH, 2004). As três repúblicas estabelecidas no país representaram somente algumas regiões, com atitudes enviesadas tomadas contra as minorias étnicas. E é justamente esta falta de representatividade que compromete o papel do Estado nigeriano.

Mesmo após alcançar sua independência do Reino Unido no ano de 1960, a Nigéria apresentou posteriormente, em sua trajetória política, uma sequência de golpes de Estado motivados pelas sequelas deixadas pela ex-metrópole inglesa.

Após um processo que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, o qual compreendeu a promulgação de diversas Constituições (1947, 1951 e 1954) e a progressiva transferência do poder dos britânicos para os nigerianos, a Nigéria se tornou oficialmente independente, com as fronteiras atuais, em 1960. Como resultado dos anos de colonização e, sobretudo, das Constituições promulgadas durante o processo de independência, o país nascente foi marcado por uma forte fragmentação interna, em que as disputas políticas foram transfiguradas em disputas étnico regionais. A Nigéria se constituiu como um país, mas não possuía uma nação (FALOLA; HEATON, 2008).

O primeiro golpe militar teve início em 14 de janeiro de 1966. Os protagonistas foram um grupo de jovens oficiais de patente média e um punhado de soldados. Com uma ação rápida e violenta, em algumas horas haviam assassinado o governador do oeste, Samuel Ladoke Akintola, o primeiro-ministro central Abubakar Tafawa Balewa e o líder do norte, Ahmadu Bello, além de alguns militares de alta patente e outros políticos subalternos. O líder do golpe, major Chukwuma Nzeogwu era igbo mas havia passado quase toda a vida no norte (OLOKE, 2022).

O segundo golpe militar iniciou-se em 29 de julho de 1966, com a tomada de quartéis pelos revoltosos, oficiais de patente média e baixa, na maioria *Hausas*, enquanto *Ironsi* e outros indivíduos proeminentes do governo estavam ausentes, em viagem. Os integrantes do governo foram sendo presos, um a um, e executados sumariamente, juntamente com militares sulistas que serviam nas unidades militares do Norte (LOPES, 2016).

Como resultado dessa fragmentação interna, poucos anos depois da independência, em 1966, dois golpes militares sucessivos ocorreram e, no ano seguinte, eclodiu a Guerra de Biafra, mais conhecida como Guerra Civil Nigeriana, Biafra foi um estado secessionista no sudeste da Nigéria. O conflito, que ameaçou seriamente a existência do Estado nigeriano, foi um dos mais sangrentos do continente africano (CASTELLANO, 2012), tirando as vidas de mais de 1 milhão de africanos.

A guerra de Biafra constituiu-se em uma guerra de grandes proporções inesperadas. O apoio dado pela França a Biafra era contrabalanceado pelo apoio dos britânicos à Nigéria federal. A ajuda material oferecida por Israel a Biafra tinha como contrapartida a presença dos pilotos cedidos pelo Egito à aviação federal. O apoio da África do Sul e dos rodesianos brancos a Biafra opunha-se à atitude da Organização pela Unidade Africana, favorável à manutenção da integridade territorial da Nigéria. Com menos intensidade, os chineses intervieram em favor de Biafra para contrabalançar o apoio dado pelos soviéticos à Nigéria (MAZRUI, 2010).

Além disso, foi o primeiro conflito de grandes proporções em que os dois lados eram comandados exclusivamente por generais e oficiais africanos, ainda que ambos contassem com apoio de conselheiros e armamentos das potências ocidentais. Ao final de quase três anos de combate, o governo federal nigeriano conseguiu derrotar os secessionistas, pondo fim ao conflito em 1970 (LOPES, 2016).

Biafra foi derrotado em 1970, deixando uma esteira de 2 milhões de mortos, a maioria pela fome, o país em frangalhos e a população na miséria. Alguns artigos escritos por historiadores questionam o sentido da rebelião, quais seriam as alternativas, a viabilidade de tão extensa operação militar, que mergulhou o país em um quadro bem mais traumatizante do que a situação existente na Nigéria antes do conflito (RIOS, 2018).

O que foi originalmente interpretado como um conflito doméstico assumiu uma dimensão internacional. Grã-Bretanha, URSS, França, EUA, Alemanha, países escandinavos, países africanos, a Cruz Vermelha, o Vaticano e o Conselho Mundial de Igrejas se envolveram no conflito. A guerra recebeu uma das maiores intervenções humanitárias na história recente, sendo chamada de “guerra mundial em miniatura” (MAZRUI, 2010, p. 14), pela dimensão que tomou e pelo jogo de forças entre grandes potências envolvidas no país.

1.3 A EDUCAÇÃO NA NIGÉRIA

A privação de educação no norte da Nigéria é motivada por vários fatores, incluindo barreiras econômicas e normas e práticas socioculturais que desencorajam a frequência à educação formal, especialmente para meninas (LOPES, 2016).

Em 1999, o Governo Federal da Nigéria introduziu o Programa de Educação Básica Universal (UBE) com a finalidade de garantir e fornecer acesso à educação básica para toda a população nigeriana. O programa prevê que todos os governos da Nigéria devem fornecer educação básica gratuita, obrigatória e universal para todas as crianças em idade escolar primária e secundária, com o auxílio e assistência do Governo Federal. A agência do Governo Federal que regula o programa e é responsável pela coordenação e implementação de todos os seus objetivos é a Comissão de Educação Básica Universal da UBE (UBEC) (OLOKE, 2022).

A educação na Nigéria é dividida em três etapas. Educação primária, que começa aos três anos de idade, permanecendo seis anos. As matérias ensinadas são: matemática, inglês, conhecimento religioso, ciência e uma das três principais línguas indígenas e culturais, *Hausa-Fulani*, *Yoruba* e *Igbo*. Na educação secundária, a duração é de seis anos, as escolas secundárias estatais são financiadas por cada governo estadual. Embora a educação seja gratuita na maioria das instituições estatais, os estudantes devem comprar livros, uniformes e pagar por coisas diversas. E a educação terciária, que são as universidades (LOPES, 2016).

Quando se trata de educação, as crianças do Sul vão em algum momento de sua vida entrar na escola primária, mas apenas 30% a 40% são suscetíveis de fazê-lo em alguns Estados no Norte (GENDER IN NIGERIA REPORT, 2012).

Em oito estados do Norte, mais de 80% das mulheres não sabem ler em comparação a 54% dos homens. No estado de Jigawa, 94% das mulheres e 42% dos homens são analfabetos. As meninas abandonam a escola mais cedo do que os rapazes. Mais de dois terços das que têm 15-19 anos de idade no norte da Nigéria são incapazes de ler, enquanto no Sul esse número é de 10%. Só 3% das moças completam o ensino secundário nas zonas Norte (ALENCAR, 2021).

O mais recente Relatório de Monitoramento Global do Instituto de Estatísticas da Unesco mostrou um estudo sobre educação que chocou sobretudo a Nigéria. Em nenhum outro país do mundo há tantas crianças fora da escola. Os números apontam para 10,5 milhões (UNESCO, 2019).

As oportunidades para mulheres de acesso à educação, trabalho e espaço dentro da sociedade nigeriana varia de região para região dentro do país, sendo o Norte o que está em mais desvantagem quando em comparação ao Sul (LOPES, 2016).

1.4 O QUE É SER MENINA NA NIGÉRIA?

A Lei dos Direitos da Criança (2003) é a lei que garante os direitos de todas as crianças na Nigéria. Conforme definido pela lei, a criança é qualquer pessoa com 18 anos incompletos.

Como afirma o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1951:

1. Todo ser humano tem direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória. A educação técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito.
2. A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre as nações e grupos raciais ou religiosos, e deve desenvolver as atividades da ONU em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do tipo de educação que será fornecida a seus filhos.

Apesar da educação ser gratuita e obrigatória, a Nigéria possui a maior taxa de crianças fora do ambiente escolar a nível global. Estima-se que pelo menos 10,5 milhões de crianças se encontram fora do ambiente escolar, sendo que 60% dessas crianças são compostas por meninas (UNICEF, 2014).

Os fatores que levam a evasão escolar das meninas são diversos, dentre eles destacam-se as questões econômicas, socioculturais e de infraestrutura. Além disso, as meninas nigerianas são vulneráveis a abusos como a violência doméstica, os efeitos da insurgência, trabalho infantil e casamento precoce, que as privam de seus direitos (AGUSIOBO, 2018).

As meninas de hoje são as mulheres do amanhã e, entendendo isso, fica mais claro inferir que os problemas que causam a desigualdade de gênero, em todos os âmbitos das relações sociais, começam na infância (LOPES, 2016).

Durante a insurgência do Boko Haram, mulheres e crianças capturadas pelo grupo foram submetidas a várias formas de abuso, incluindo abuso físico e psicológico, conversões forçadas ao Islã sob ameaças de morte, casamento forçado, estupro e estupro (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014). Toda essa violência é evidenciada pelo controle continuado do patriarcado sobre o corpo feminino, que tem se revelado de diferentes formas.

De acordo com Alemany (2009), "às violações assumem a forma de ameaças, coerção ou força, infligindo-lhes sofrimento físico, sexual ou psicológico para intimidá-los, puni-los e humilhá-los". Como exemplo mais comumente empregado no país estão o controle da sexualidade e os corpos das mulheres como propriedade dos homens

A sociedade Nigeriana é dirigida por um sistema patriarcal que movimenta tanto homens como mulheres em sentidos distintos. Sendo algumas áreas, como o mercado de trabalho dominado por homens, apesar de ser composto por uma quantidade significativa de mulheres, que estão em postos inferiores, e fora dos empregos formais (TEIXEIRA, 2022).

Há evidências de que esse controle é realizado pelo Boko Haram por meio de abuso físico e psicológico, incluindo: trabalho forçado; participação forçada em operações militares (incluindo entregar munição ou atrair homens para emboscadas); casamento forçado; e abuso sexual, incluindo estupro. Além disso, elas também precisam cozinhar, limpar e fazer outras tarefas domésticas (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

2. BOKO HARAM

O Boko Haram surgiu em condições muito propícias ao fundamentalismo e ao extremismo. O norte da Nigéria é muito empobrecido e tem baixos níveis de educação, tornando-se um terreno fértil para a doutrinação e a disseminação do discurso de ódio. O grupo explorou as falhas do país de forma muito eficaz.

Seu crescimento cresceu exponencialmente, de armas brutas a ataques organizados usando bombas, rifles, tanques e muito mais. Suspeita-se que eles tenham recebido ajuda e treinamento por outros grupos jihadistas, como al-Shabaab e Al Qaeda, além do apoio do ISIS. A polícia nigeriana falhou em reprimir efetivamente o grupo, e os ataques a civis por meio de prisões arbitrárias, tortura e extorsão apenas aumentam a sensação de insegurança.

2.1 HISTÓRIA E INSURGÊNCIA DO BOKO HARAM

A Nigéria tem sérios problemas de segurança, especialmente nos estados do norte, com as atividades do grupo Boko Haram, que afirma estabelecer um Estado Islâmico governado pela Sharia, lei islâmica. A ascensão do fundamentalismo islâmico e da violência, sobretudo na zona norte do país, evidencia a fragilidade das instituições políticas, especialmente ao nível da segurança, e a ausência de uma resposta capaz por parte das autoridades governamentais (TEIXEIRA, 2022).

O termo Boko Haram é uma designação para a organização terrorista nigeriana Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati Wal-Jihad, ou "pessoas dedicadas a difundir os ensinamentos do Profeta e da Jihad" (JOHNSON, 2013). Pode ser traduzido como *a educação*

ocidental é proibida e, de acordo com muitos especialistas, o conceito aponta para a rejeição da educação secular e da civilização ocidental.

Formado em 2002 com caráter religioso, o grupo tornou-se insurgente quando Mohammed Yusuf, um jovem e carismático clérigo islâmico nigeriano, assumiu o controle. Chamando a si mesmos de talibãs nigerianos, eles se estabeleceram em uma área remota do nordeste da Nigéria. O grupo rejeita a educação e a cultura ocidentais, bem como a ciência moderna, ao invés disso defende a disseminação e observância do Islã e busca impor a lei Sharia em todos os estados nigerianos (BUMAH; ADELAKUN, 2009).

Desde 2009, o Boko Haram começou a se envolver em conflitos violentos, protestando contra a pobreza, desigualdades educacionais, aumento do desemprego e corrupção governamental (ALE, 2009). Nesse mesmo ano, a morte do líder marca uma virada na atuação do grupo e o obriga a se esconder.

O Boko Haram provou ser mais violento e mais determinado a se vingar do Estado nigeriano pela execução de seu líder. Sob a liderança do Imam Abubakar Shekau, os militantes realizam operações violentas contra alvos governamentais e religiosos, especialmente no norte do país. Para financiar suas atividades, eles se envolvem em assaltos a bancos e sequestros como fonte de renda por meio de pedidos de resgate (BLANCHARD, 2012). Além disso, o grupo também diz que eles têm conexões com indivíduos com poder e acesso a vários recursos, que as autoridades nigerianas procuraram identificar (FOREST, 2012).

Boko Haram é uma seita islâmica sunita radical que encontra apoio entre as comunidades islâmicas sufis na Nigéria, particularmente as irmandades Qadiriyya e Tijaniyya. Por causa de sua ideologia antiocidental, o grupo tem ligações com grupos extremistas ou terroristas sunitas como a Al-Qaeda ou afiliados como a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM) e, mais recentemente, o Estado Islâmico (ISIS). Essa proximidade ideológica com a Al-Qaeda surge porque defende a ideia de que os políticos e a riqueza destruirão a pureza das sociedades islâmicas ao possibilitar vícios como a prostituição, a pornografia e o álcool (BLANCHARD, 2014).

Com um novo líder, o grupo tornou-se totalmente radical, mostrando maior influência sobre o governo nigeriano. O Boko Haram transformou-se em um grupo terrorista que utiliza “o uso da violência para obrigar governos ou organizações a agirem no interesse de terroristas” (GONÇALVES; REIS, 2017), realizando inúmeros ataques em vilas e cidades, acredita-se que estejam entre os únicos das maiores organizações terroristas de hoje.

O método de recrutamento de um grupo terrorista pode ser feito de várias maneiras. Quando foi criado, muitos homens se voluntariaram para se juntar ao grupo, principalmente aqueles que estavam desempregados, pois o viam como uma forma de se sustentar financeiramente. À medida que o Boko Haram se tornava mais violento, seus militantes começaram a forçar civis a se juntarem ao grupo como uma ameaça à única maneira de sobreviver e se proteger de suas atrocidades (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Em relação aos seus objetivos, o Boko Haram alcança todos aqueles que se opõem à ideologia religiosa e política do grupo, especialmente funcionários do governo local, críticos de sua ideologia, cristãos e islâmicos que discordam e não se convertem à ideologia do grupo, e todos os civis, Maiduguri, capital do estado de Borno, por serem considerados incrédulos (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

No entanto, 2012 marcou o início do uso da violência pelo grupo como meio de forçar a sociedade nigeriana a implementar sua ideologia e depois alcançar seus objetivos. Isso continua a demonstrar sua força e poder, causando grande terror na sociedade nigeriana e garantindo que suas demandas sejam atendidas (TEIXEIRA, 2022).

Desta forma, os ataques do grupo em diversas cidades e vilas tornam-se constantes, atingindo diversos espaços públicos como mercados, praças, hospitais, órgãos governamentais, igrejas e áreas residenciais, atacando-os e destruindo grande parte de suas estruturas, tentando causar o maior número de vítimas (LOPES, 2016).

Entre os alvos do ataque, as escolas se tornaram um dos principais para tentar impedir que as crianças obtenham educação ocidental, pois é vista como responsável pela decadência moral da Nigéria. “Pelo menos 2.295 professores foram mortos e mais de 1.400 escolas destruídas desde que o conflito no país africano começou há quase nove anos. A maioria dessas escolas não reabriu devido a danos extremos ou insegurança contínua” (UNITED NATIONS NO BRASIL, 2018). Tais ataques estão atingindo cada vez mais seu objetivo, tendo em vista que “3 milhões de crianças estão fora da escola” (UNITED NATIONS NO BRASIL, 2017).

2.2 OBJETIVOS DO BOKO HARAM

O Boko Haram ganhou força pelo fato de muitos apoiarem as ideias de Yusuf “que, como clérigo islâmico” acreditava que a cultura ocidental reproduzida pelo governo local era a razão de todos os problemas sociais e econômicos do país (CIERCO; BELO, 2016).

Segundo a Anistia Internacional (2015), apesar de o líder Yusuf ter tentado atingir esses objetivos de forma não violenta, grande parte de seus seguidores agiu de forma contrária e iniciou vários conflitos violentos contra o governo que eclodiu, especialmente em 2009. No mesmo ano, durante o conflito, o líder Yusuf foi preso e depois morto pelo governo nigeriano, o que marcou a insurgência do grupo Boko Haram com a nova liderança de Abubakar Shekau, que passou a atuar de forma mais violenta.

O modus operandi do grupo guarda algumas semelhanças com o Talibã no Afeganistão, principalmente após a revelação do envio de integrantes para campos de treinamento em países como Argélia, Afeganistão, Paquistão, Iraque e Mauritânia (ALLI, 2009). Além disso, evidências das atividades operacionais do grupo de pregação e combate salafista na Argélia, o Tablighi no Paquistão, missionários wahhabi da Arábia Saudita no norte da Nigéria e o treinamento de alguns fundamentalistas nos campos de treinamento da Al-Qaeda provam que o Boko Haram tem laços com grupos fundamentalistas em todo o mundo.

Segundo Hussein e Walker (2012), a metodologia do Boko Haram segue o caminho do radicalismo islâmico sunita do Afeganistão, Iraque, Paquistão e Somália, impondo o terror contra qualquer coisa que se oponha ao Estado Islâmico. Embora o governo nigeriano tenha permitido a Sharia em alguns estados do norte, isso apenas inspirou mais militância dentro do grupo.

Boko Haram quer um Estado Islâmico. Sem leis seculares em vigor, o grupo pretende difundir o sectarismo para ser visto como os “guardiões do Islã” e não apenas os muçulmanos que apoiam uma Nigéria unida (LOPES, 2016).

2.3 A ATUAÇÃO DO BOKO HARAM NA NIGÉRIA

O Boko Haram usa táticas de guerra como assassinato em massa, ataques a populações indefesas, dispositivos explosivos, carros-bomba e ataques suicidas para matar civis em locais públicos. As táticas do grupo continuam a se tornar mais agressivas devido ao apoio direto da organização terrorista Al-Qaeda (AJAKAIYE et al., 2022).

De acordo com um relatório do Conselho de Segurança da ONU (2017), em 2014 o Boko Haram é identificado como um grupo afiliado à Al-Qaeda que é listado pelo Comitê de Sanções da ONU Al-Qaeda, que busca reprimir a organização e seus afiliados.

Assim, a Anistia Internacional (2015) analisa diversos ataques do grupo utilizando essas táticas, como o ocorrido na cidade de Gamboru, Estado de Borno, ocorrido em 5 de

maio de 2014. Nesse caso, o Boko Haram invadiu a cidade com fogo, atiraram em todos que estavam ali, atacaram em um shopping, incendiaram as pessoas e suas casas usando um tanque blindado e mataram 17 policiais que estavam na delegacia. Segundo a Anistia Internacional (2015), ao final do conflito, 80 estruturas foram encontradas danificadas e cerca de 400 mortos. Outra cidade que foi vítima do grupo é Gwoza, que sofreu vários ataques consecutivos em suas aldeias. Em maio e junho de 2014, o grupo atacou as aldeias de Chinene, Halagwa, Ganjara, Agapalwa, Angurva e Attagara, matando cerca de 200 pessoas e queimando várias casas (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Além disso, testemunhas disseram que foram à delegacia antes do conflito porque o Boko Haram alertou a comunidade sobre um possível ataque e pediu aos militares que prestassem apoio à vila, mas eles recusaram o pedido e permaneceram em sua base (ROSA, 2022).

No início de janeiro de 2015, o Boko Haram massacrou a cidade de Baga e várias aldeias ao seu redor. Segundo reportagem da BBC (2015), o ataque teria começado na madrugada do dia 3, quando integrantes do grupo entraram na cidade de caminhão e moto, perseguindo e atirando em moradores, enquanto outros integrantes incendiaram casas e prédios da cidade. O Boko Haram apreendeu dezesseis vilarejos e segundo imagens de satélite divulgadas pela Anistia Internacional, entre os dias 2 e 7, o grupo terrorista danificou e destruiu 3.700 estruturas na região afetada (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Dessa forma, o ataque fez com que os moradores fugissem para a floresta ou tentassem atravessar o Lago Chade para buscar refúgio em outras cidades, gerando dados em que “aproximadamente 30.000 moradores dessas aldeias seriam deslocados, sendo 20.000 acampados na cidade”. Maiduguri e outros 10 mil levados para Mongun, a aproximadamente 60 quilômetros de Baga” (G1, 2015).

Embora essas pessoas tenham conseguido sobreviver, o ataque foi considerado pela Anistia Internacional (2017) o maior e mais mortífero desde o seu início, que se transformou em um verdadeiro massacre, causando a morte de aproximadamente 2.000 pessoas, segundo a mesma instituição. O governo nigeriano mostrou um fracasso extremo, pois a base militar de Baga, desde novembro de 2014, informou o governo de um possível ataque do Boko Haram devido às constantes ameaças do Boko Haram e, portanto, solicitou reforços de segurança.

No entanto, nada foi feito pelo governo nigeriano, que - além de divulgar a morte de apenas 150 vítimas - evitou o assunto, já que não houve anúncio presidencial do massacre. Pelo contrário - como o ministro da Economia da Nigéria, Ngozi Okonjo -Iweala - o então presidente Goodluck Jonathan, usou suas redes sociais para apoiar o ataque ocorrido na

França menos de uma semana após o ataque de Baga, mas não mencionou o que aconteceu em seu próprio país (G1, 2015).

Mais recentemente, em fevereiro de 2018, um membro do grupo detonou um colete-bomba em um mercado de peixes na cidade de Konduga, estado de Borno, matando cerca de 20 pessoas (THE GUARDIAN, 2018). Em 1º de abril de 2018, outro ataque ocorreu perto da cidade de Maiduguri, capital de Borno, matando 34 pessoas e ferindo 90, segundo o site das Nações Unidas no Brasil (2018b). Em 5 de maio de 2018, membros do Boko Haram atacam novamente, desta vez na cidade de Gwaska, deixando 51 mortos (UNITED NATIONS NO BRASIL, 2018).

Outra tática de guerra que o grupo terrorista começou a seguir é assassinar, mutilar e sequestrar crianças, além de recrutá-las e usá-las em seus ataques. As crianças que são utilizadas como membros militantes são mobilizadas para atacar comunidades por meio do manuseio de armas, implantação de artefatos explosivos e até ataques suicidas, além de prestar algum outro tipo de serviço ao grupo, como mensageiros, guardas e cozinheiros (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Segundo relatório do Conselho de Segurança da ONU (2017), as crianças recrutadas pelo grupo não são apenas oriundas de sequestros, mas também de laços familiares e casos em que os pais entregam seus filhos ao grupo por incentivos financeiros e garantias de sua segurança.

O desempenho do grupo produziu resultados extremamente negativos para a Nigéria, tanto interna quanto externamente. A partir de 2011, o Boko Haram aumentou sua capacidade e ampliou seus laços com a Al-Qaeda e outros grupos jihadistas que o apoiam. A expansão resultou em maior atenção internacional devido à ampliação de sua influência no continente africano, pois já possui seguidores em países como Sudão, Níger e Somália, entre outros (ROSA, 2022). As ações do grupo podem levar ao isolamento do norte do país com diminuição do investimento tanto do governo quanto de empresas multinacionais, além da possibilidade de intervenções internacionais justificadas pelo combate ao terrorismo, já que o Boko Haram foi reconhecido como terrorista pelos EUA e pelo governo nigeriano. A Nigéria responde pela maior parte da produção de alimentos na região do Sahel, que vem diminuindo desde a intensificação da ação do grupo (LOPES, 2016).

2.4 UMA PERSPECTIVA DO BOKO HARAM NA EDUCAÇÃO

No campo da educação, a maior parte dos jovens são considerados estudantes Almajiri, ou seja, adolescentes que são mandados para escolas de educação islâmica (corânicas), longe dos pais e obrigados a se auto sustentar, o que acarreta, muitas vezes, a criação de gangues e o aumento da criminalidade. A alienação da educação por parte do governo é aproveitada por grupos radicais espalhados pelo país, baseados em diversidades étnicas e religiosas. Muitas vezes, não é necessária a criação de uma milícia para que o grupo consiga seu objetivo: “apenas algumas centenas de comprometidos, leais e inabaláveis líderes e membros são necessários – como evidência das experiências do Boko Haram nos últimos quatro anos” (DOMINGOS; MOÇAMBIQUE, 2017).

A questão da educação pode ser relacionada à atuação colonial e à importância que a religião possui sobre a população africana, como anteriormente mencionado. O que vemos no discurso do Boko Haram quanto a oposição à educação é que o grupo entende que, antes do colonialismo, o islã era amplamente disseminado pela Nigéria e assim permaneceu até o domínio colonial no país, isso, na visão deles, “(...) afetou todos os aspectos da vida, em particular o sistema educacional, erodindo, desse modo, algumas doutrinas do islã” (AJIBOLA, 2015; MURTADA, 2013).

A dificuldade de acesso à educação básica das crianças, adolescentes e jovens na Nigéria e região levaria parte desses cidadãos a, conseqüentemente, engrossar as fileiras do movimento de islamização. Os alunos no ensino formal têm sido debate da comunidade científica nigeriana e também de organismos internacionais, na tentativa de universalizar o ensino primário e permitir uma condição de vida que reforce o princípio da dignidade humana. Por outro lado, muitos pesquisadores também têm discutido como esses jovens têm servido às milícias na condição de potenciais soldados voluntários que se integram rapidamente ao contexto do Boko Haram (AJAKAIYE et al., 2022).

Em dados unificados do país, o acesso à educação também é muito limitado: 83% dos jovens são analfabetos; 48,5% das crianças em idade escolar não são alfabetizadas e 34,8% dos muçulmanos de 4 a 16 anos nunca frequentaram a escola. Pobreza, desigualdades de renda entre os ricos e a maioria da população desta região, bem como falhas em termos de integração socioeconômica e, portanto, a construção de um status e uma autoimagem afetam particularmente as gerações mais jovens que constituem a principal fonte de recrutamento do Boko Haram (TEIXEIRA, 2022).

De acordo com Odey (2012), Boko Haram julga que a educação Ocidental e toda a gama de influência ocidental são pecados. Eles não estão satisfeitos com o status secular da Nigéria; eles desejam que a Nigéria se torne um Estado religioso no qual os princípios do Islã,

particularmente a lei da Sharia, reinariam supremamente. No entanto, a deliberada e fanática destruição de toda a estrutura institucionais disponíveis, a matança de inocentes – tanto cristãos quanto muçulmanos -, e a inviabilização de valiosas infraestruturas em diferentes partes do país trazem à tona o enigma de qual é, de fato, o seu verdadeiro intuito em relação à própria existência do Estado nigeriano.

3 CONSEQUÊNCIA DA ATUAÇÃO DO BOKO HARAM NA EDUCAÇÃO À LUZ DA SEGURANÇA HUMANA E DO FEMINISMO ISLAMICO

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em meados de 1994, centrou a ideia de seu relatório baseado nas premissas da Segurança Humana, a qual acabou por promover uma ampla divulgação a nível internacional (ROSA, 2022). Com isso, o termo ‘Segurança Humana’, acabou por representar uma nova maneira de vermos à Segurança Internacional, fator esse que desafiou a tradicional ideia estadocêntrica de segurança, que, por conseguinte, pôs o indivíduo como um todo no centro da proteção (OLIVEIRA, 2011).

Ademais, Oliveira (2011) faz uma ressalva ao Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 1994, a qual menciona os dois aspectos principais da Segurança Humana que são: liberdade de necessidades (*freedom from want*) e liberdade do medo (*freedom from fear*). Com isso, a Segurança Humana também engloba as dimensões de segurança econômica, segurança alimentar, segurança sanitária, segurança ambiental, segurança pessoal, segurança comunitária e segurança política (OLIVEIRA, 2011).

Ainda assim, a Segurança Humana implica a ideia da segurança ir além de uma questão física, tradicionalmente conhecida, ao incorporar que as pessoas também devem ter garantida uma “segurança social”, além de buscar identificar ameaças, evitá-las e mitigar seus efeitos sempre que possível, como as demais concepções de segurança (ROCHA, 2017).

Sendo assim, o terrorismo é utilizado como forma de se obter um fim político, empregando como meio de ação o terror (DINIZ, 2004). Em contrapartida, não há intenção em se produzir imediatamente o fim político desejado, ou seja, não se pretende dissuadir nem compelir, mas sim induzir no alvo um comportamento que favoreça o grupo terrorista, alternando a relação de forças, sendo irrelevante a destruição material imediata causada (DINIZ, 2004).

Outrossim, é importante mencionar a relevância e atuação do Feminismo Islâmico dentro da Nigéria para analisar o contexto dentro de sua particularidade. Esse movimento é,

ao mesmo tempo, político e religioso, visto que rejeita as ações discriminatórias sobre as mulheres, mas luta pelo resgate da identidade cultural religiosa. Dessa forma, o argumento do Feminismo Islâmico é o de que a ideologia e o poder patriarcal são os responsáveis por essa violência de gênero, perpetuando uma visão distorcida da religião islâmica (PEREIRA; A MARTINS; UESCAR, 2020).

Para Lima (2017, p. 72)

Os chamados feminismos pós-coloniais são definidos aqui como sendo aqueles movimentos feministas que trazem em seu background o ideal da identificação cultural, da afirmação de sua autenticidade identitária, como contraponto à ocidentalização imposta pelas colonizações. Países da América Latina, África e Sul da Ásia, desde os anos 70, passaram a formular seus feminismos com base nas expressões culturais e identitárias. Muitos movimentos na América Latina, como por exemplo, Venezuela, Bolívia, Colômbia, ainda hoje, estão resgatando os traços indígenas de suas ascendências; na África há uma diversidade de feminismos ligados às etnias e identidades, como por exemplo, na África do Sul, Moçambique, Angola e Nigéria em que há toda uma produção feminista ligada ao resgate de sua identidade negra-africana. No Sul da Ásia, na Índia, por exemplo, o esforço feminista para falar também em nome de suas tradições étnico-culturais. O feminismo islâmico surge nesse contexto internacional de retorno às identidades culturais, que em seu caso, foi considerado não estar ligado às etnias locais ou às diversas expressões culturais locais, mas sim, à identidade religiosa.

O feminismo islâmico nasce a partir do contexto de busca por reconhecimento identitário, a qual Sandra Harding (1993) ressalta que o feminismo singular não existe, além de todos os feminismos serem teorias totalizantes, mas também alude a ideia de que os feminismos pós-coloniais têm tido um importante papel na demonstração de que há “uma infinidade de mulheres que vivem em intrincados complexos históricos de classe, raça e cultura”. Com isso, o feminismo islâmico está em busca de mostrar esse seu complexo histórico, no sentido de, por um lado, afastar-se da universalidade do feminismo internacional, por outro lado, dialogar com a narrativa desse feminismo, para entender em quais aspectos se pode reconhecer similaridades (LIMA, 2017).

Portanto, para o Boko Haram, a educação ocidental é considerada pecado, logo, é proibida, além de partir de um pressuposto de uma dimensão coletiva, onde o comando exercido sobre o corpo das mulheres é usado como mensagem de humilhação e controle, obedecendo à vontade de destruir o saldo ocidental presente na educação das meninas (LOPES, 2016).

Segundo Neto (2016) feministas islâmicas e seculares sustentam que o Alcorão, como exemplo, não proíbe e nunca proibiu que as mulheres pudessem ser diplomadas, visto isso, a assimetria de gêneros dentro da Xaria - código de leis islâmicas que se aplica à vida cotidiana, é uma construção equivocada feita por homens.

Outrossim, ao aludir às teorias citadas, é importante correlacionar os ataques do Boko Haram a falta de acesso à educação diante das políticas suprimidas pelo grupo extremista que passaram a fazer diversos ataques, como: assassinatos e sequestros, que desencadearam inúmeras consequências à educação nigeriana.

3.1 ATAQUES EM ESCOLAS NIGERIANAS

Boko Haram vem atacando deliberadamente a população nigeriana. Entre os grupos alvo estão os cristãos, vistos como descrentes ou infiéis, membros do grupo, para atingi-los, queimam igrejas, fazem conversões forçadas, atacam eventos religiosos com artefatos explosivos improvisados e usam homens-bomba, por exemplo. Os ataques a alvos cristãos além de causar mortes também alimenta confrontos sectários em locais já instáveis, ademais, caso se constituam como limpeza étnica, podem-se constituir em crimes contra a humanidade com base na religião ou etnicidade. O grupo, porém, não se limita a atacar quem pratica uma religião diferente da sua, muçulmanos também são alvos. Para atacá-los, o grupo usa da justificativa de que eles são contra suas táticas ou ideologia e que cooperam com o governo em seu combate (HUMAN RIGHTS WATCH, 2012).

O uso e a violência contra crianças também se encontram entre as hostilidades cometidas pelo grupo. Segundo relatório da ONU, o Boko Haram recruta crianças para cometer ataques, entre eles os de atacar a própria família como forma de demonstrar lealdade ao grupo, eles também são usados para detonar bombas. Um incidente ocorrido em maio de 2015 ilustra o emprego das crianças, como exemplifica o relatório, “uma menina em torno de 12 anos foi usada para detonar uma bomba em uma estação de ônibus no estado Damaturu, Yobe, matando sete pessoas” (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015).

Assim, é notável a gravidade dos abusos cometidos pelo Boko Haram à população nigeriana, entre as situações acima referidas todas são graves violações de direitos humanos e podem se constituir como crimes contra a humanidade. Abaixo podemos notar a distribuição pelo território nigeriano das mortes cometidas pelo grupo e pelas forças nacionais de segurança.

Dentre os efeitos decorrentes das ações do grupo podemos destacar dois bastante evidentes. Ao atacar escolas, que pelo entendimento do Boko Haram são consideradas como aliadas ao governo ou contrárias aos seus objetivos, o grupo produz um grande impacto na infraestrutura do país e, mais precisamente, na sua educação. Como informa o relatório da ONU, 338 escolas foram destruídas pelo grupo em um período de apenas dois anos, entre

2012 e 2014, nos estados de Adamawa, Borno e Yobe. Isso agrava ainda mais a educação especialmente precária do Norte, onde encontram-se 6,3 milhões das 10,5 milhões de crianças fora da escola no país (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015; HUMAN RIGHTS WATCH, 2012, 2014).

3.2 O SEQUESTRO DAS MENINAS DE CHIBOK

Os sequestros de mulheres e meninas pelo grupo estão em andamento, provando que o grupo armado as alvejou especificamente por suas ações. Como explica o relatório da Human Rights Watch - HRW (2014), essa estratégia foi adotada em meados de 2013, pois até então se concentrava em membros das forças de segurança, políticos e funcionários públicos como símbolos de autoridade. A pesquisa também identifica pelo menos três razões para essa nova abordagem: serve como punição para estudantes que frequentam escolas associadas à cultura ocidental, como forma de converter mulheres e meninas cristãs ao islamismo e como vingança contra autoridades nigerianas em virtude de prender parentes dos militantes do grupo (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

Na noite de 14 de abril de 2014, o grupo Boko Haram invadiu a Escola Secundária para Meninas do Governo em Chibok, Estado de Borno, e sequestrou um total de 276 alunas (BBC NEWS, 2017; GOLUBSKI, 2019). Especulou-se que as alunas foram transferidas para Konduga, uma parte da floresta de Sambisa onde o grupo Boko Haram tem sua fortaleza (MACLEAN, 2014).

Os esforços iniciais do governo nigeriano para resgatar as meninas sequestradas não deram frutos. No entanto, com a ajuda do governo suíço e outras partes interessadas importantes, cerca de 164 das alunas foram resgatadas, deixando assim 112 meninas ainda desaparecidas (GRUPO DE CRISE INTERNACIONAL, 2018). Especulou-se que o motivo do grupo Boko Haram para invadir Chibok, que é uma vila cristã, foi criar tensão religiosa que aprofundará a desconfiança na política. Uma justificativa para essa linha de pensamento foi o videoclipe divulgado pelo líder do Boko Haram, Abubakar Shekau, dizendo: “as meninas que não aceitaram o Islã estão agora reunidas em grande número e as tratamos bem da maneira como o profeta Muhammad tratou os infiéis que ele capturou” (BBC NEWS, 2014; SMITH; SHERWOOD, 2014).

No registro, 530 alunos de várias aldeias se preparando para o exame final do Certificado do Secundário Sênior estavam na escola. No entanto, não havia registro claro mostrando o número de meninas presentes durante o ataque (PERKINS, 2014; MACLEAN,

2014). Uma combinação de feedbacks dos militares, dos pais e daqueles que escaparam confirmou o sequestro e ajudou a reconstruir o número de meninas sequestradas (DOREL, 2014; MARTINEZ, 2014).

Vários relatórios indicaram que as agências de segurança, especialmente os militares, receberam informações sobre o ataque iminente, mas não puderam fazer muito para impedir o ataque devido à sua incapacidade de mobilizar os recursos necessários para um ataque preventivo ou um contra-ataque (HAMISH; OMISORE, 2014; COLINA, 2014).

Estudiosos apontaram para a semelhança entre o sequestro de Chibok e a série de sequestros de meninas na Argélia na década de 1990 e início de 2000 pela Al-Qaeda no Magrebe Islâmico. Esses sequestros visavam rebaixar a feminilidade e intimidar a população civil (COLINA, 2014; LAZREG, 2009).

O principal objetivo do grupo ao invadir a escola teria sido “o roubo de uma máquina de fazer tijolo, de alimentos e outros suprimentos. No entanto, isso aparentemente mudou uma vez que os homens perceberam que tinham acesso às jovens mulheres e meninas”. O grupo justifica essa prática pela sua concepção do papel da mulher na sociedade. Segundo relatório da ONU de 2015, o grupo “submeteu as mulheres e meninas a generalizados e graves abusos, incluindo a escravidão sexual, a violência sexual, os casamentos forçados, gravidezes forçadas e conversões forçadas”. Apesar dos esforços em libertar as estudantes, apenas 57 das 276 raptadas conseguiram escapar (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015; HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

Cerca de duas semanas após o rapto das meninas de Chibok, o Boko Haran divulgou um vídeo assumindo a autoria do sequestro, no qual um de seus líderes, ao explicar as razões que levaram o grupo a praticar o crime, defende: “A educação ocidental é pecado, é proibida, e as mulheres devem se casar” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014). Diante dessas razões, ele acrescenta que as estudantes seriam “dadas” ou vendidas como esposas a militantes e aliados do grupo, o que na prática, configura em crime de escravidão e estupro.

Como afirma Machado (2004), os sujeitos e corpos femininos são objetificados e controlados como se não fossem “pessoas”. Em sua pesquisa, que analisa as expressões dos estupradores, ele explica o conceito de estupro como forma de controle: Após ouvir os agressores em relações conjugais violentas, eles buscam o significado de seus atos violentos no contrato de casamento: são considerados atos corretivos. Eles alegam que as mulheres não fizeram o que deveriam ter feito. A violência é sempre disciplinar (MACHADO, 2004).

Portanto, entende-se que os homens têm controle sobre os corpos das mulheres e que devido aos seus “desvios comportamentais” a violência é permitida como ferramenta de “correção” (MACHADO, 2004).

3.3 BOKO HARAM E O FECHAMENTO DAS ESCOLAS NA NIGÉRIA

Os ataques do grupo em várias cidades e vilas tornaram-se constantes, atingindo vários espaços públicos como mercados, praças, hospitais, órgãos governamentais, igrejas e áreas residenciais, atacando-os e destruindo a maior parte de suas estruturas e tentando causar o maior número de vítimas possível. Entre os alvos do ataque, as escolas se tornaram um dos principais para tentar impedir que as crianças obtenham educação ocidental, pois é vista como responsável pela decadência moral da Nigéria (TEIXEIRA, 2022).

As escolas são alvo de ataques no nordeste do país: prédios escolares foram queimados ou seriamente danificados e professores e alunos foram mortos. Muitas escolas foram forçadas a fechar devido a esses ataques (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014).

Pelo menos 2.295 professores foram mortos e mais de 1.400 escolas destruídas desde que o conflito no país africano começou há quase nove anos. A maioria dessas escolas não reabriu devido a danos extremos ou insegurança contínua (UNITED NATIONS NO BRASIL, 2018). Tais ataques estão atingindo cada vez mais seu objetivo, tendo em vista que “3 milhões de crianças estão fora da escola” (UNITED NATIONS NO BRASIL, 2017).

Acrescenta também que o grupo terrorista tem como objetivo acabar com a democracia na Nigéria, concretizar o processo de islamização e promover a educação exclusivamente em escolas islâmicas. Observa-se que essas metas são efetivadas aos poucos se levarmos em conta que, no dia 25 de dezembro de 2011, cerca de cinco ataques a bomba em várias cidades da Nigéria causaram pelo menos 40 civis mortos e um policial ferido. O primeiro ataque aconteceu nos arredores da capital Abuja, o segundo, na cidade de Jos, no centro do país, o terceiro, na cidade de Gadaka, no Nordeste, e os outros dois na cidade de Damaturu, no Norte. Os alvos foram igrejas católicas durante a celebração da Missa do Galo após a Véspera de Natal (OLEKE, 2022).

O Boko Haram usa táticas de guerra como assassinato em massa, ataques a populações indefesas, dispositivos explosivos, carros-bomba e ataques suicidas para matar civis em locais públicos. As táticas do grupo continuam a melhorar graças ao apoio direto da organização terrorista Al-Qaeda. De acordo com um relatório do Conselho de Segurança da ONU (2017), em 2014 o Boko Haram é identificado como um grupo afiliado à Al-Qaeda que é listado pelo

Comitê de Sanções da ONU Al-Qaeda, que busca reprimir a organização e seus afiliados (ROSA, 2022).

3.4 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA EDUCAÇÃO

No panorama da atual precariedade reflexiva sobre a justiça escolar, a busca por uma educação para todos e qualidade universal constituem uma das soluções, constantemente almejadas a partir de medidas, inovações e modelos novos de educação, ajustados à realidade local. Por isso, a nova agenda de governo e suas políticas devem engendrar essa vontade estável de produzir com enquadramento local a necessidade que persegue o desenvolvimento social (OLEKE, 2022).

Nenhuma única abordagem resolverá tudo. É preciso uma variedade de intervenções e iniciativas para melhorar a educação para meninas para que elas sejam bem-sucedidas tanto na escola primária como secundária. Todos os parceiros de desenvolvimento precisam tanto de criatividade como de disciplina para realizar uma variedade de intervenções que focalizam o processo, e devem juntar estas intervenções num único plano para o setor de educação. Um leque amplo de profissionais de desenvolvimento e funcionários públicos, em níveis diferentes do sistema de cooperação, devem alocar o pensamento, o tempo e os recursos financeiros necessários para promover a educação de meninas (RIOS, 2018).

A educação é um bem público (LEVIN, 2001; LUBIENSKI, 2009; RIZVI, 2016) e um direito humano (MCCOWAN, 2013) fundamental para a minimização de condições de desigualdade. Consideramos, também, que nos encontramos num contexto de políticas educativas globais, em que os países do Sul Global têm uma grande intensidade de influências globais, uma vez que são os mais pobres, com uma elevada dependência de ajuda externa em termos de financiamento (VERGER et al., 2012). Muitos desses países, graças à fragilidade dos respectivos Estados e à sua condição pós-colonial, apresentam dependência econômica dos mercados transnacionais e de tendências sociopolíticas globais (CROSSLEY, 2001; WILLIAMS, 2009).

É fundamental um compromisso de longo prazo com o processo de melhorar os resultados em termos de educação para meninas, uma vez que nenhum único plano, intervenção ou abordagem resolverá os problemas complexos escondidos na dificuldade de meninas de se realizarem (OLEKE, 2022).

Um compromisso com a meta de longo prazo de aumentar a participação de meninas em todos os níveis do sistema educacional exigirá ajustes nas políticas, como mudanças no

diário escolar para acomodar as tarefas de casa de meninas em curto prazo, mas também mudanças de atitudes, como estimular as comunidades a repensar quanto trabalho doméstico uma menina da idade escolar deve realizar (OLEKE, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática exposta, nota-se a complexidade em analisar a atuação do Boko Haram na Nigéria, que interfere intrinsecamente no acesso das meninas à educação. Além da educação ocidental ser considerada um pecado pelo grupo, o que influencia os ataques às escolas, vale ressaltar que os ataques violentos destinados às meninas não eram uma prática recorrente nos ataques do Boko Haram.

Os ataques aconteciam em diversos espaços públicos como mercados, praças, hospitais, órgãos governamentais, igrejas e áreas residenciais, causando o terror e o maior número de vítimas possível. Os ataques violentos destinados às meninas surgiram como uma reação à atuação do governo frente ao grupo e acabou sendo incorporado em suas táticas operacionais. Ademais, as consequências da colonização, o Estado falido e a desigualdade entre Norte e Sul também contribuem para o surgimento de grupos extremistas e atuações violentas.

O surgimento do grupo está intrinsecamente ligado às condições de vida no país, especialmente no Norte. Para pessoas vivendo em condições precárias, sem emprego, sem casa, e sem conseguir alimentar a família, é quase razoável unir-se a um grupo que provê tais insumos, além de prometer um país melhor e livre de corrupção.

A existência de grupos radicais acompanhou a história do país e o Boko Haram é mais um resultado dos enormes problemas internos da Nigéria. O grupo ganhou notoriedade no mundo islâmico por utilizar a religião como solução para os problemas políticos, e no Sistema Internacional, por conta das ações violentas praticadas, especialmente após o sequestro das meninas, em abril de 2014.

Diante disso, a Segurança Humana se faz necessária para compreender as razões tomadas pelo Boko Haram que inibem o acesso à educação das meninas nigerianas de forma coercitiva, que as deixam à mercê de uma total insegurança, afinal, não existe um amparo pelo Estado para com essas vítimas.

Ademais, a Teoria Feminista islâmica se faz necessária para compreender a particularidade do contexto nigeriano, no qual a ideologia patriarcal acarreta a violência e

gênero e uma visão equivocada da religião islâmica. Ao passo que a teoria rejeita a violência contra as mulheres, também se dedica a libertação cultural e religiosa.

As ações de violência cometidas pelo Boko Haram não ocasionaram mudanças estruturais no modelo de educação nigeriano, todavia, a partir da análise feita, conclui-se que o grupo apresenta uma ameaça física e psicológica às meninas, impedindo-as de terem acesso à educação, colocando-as num estado de insegurança. e inviabilização de direitos quando se trata do gênero feminino.

Segundo Freire (1979, p. 17) a educação é mais autêntica quanto mais se desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos.

Portanto, se faz necessário mencionar o relatório do UNICEF de 2022 que informa que o sistema educacional da Nigéria pode ser transformado por meio do financiamento adequado, da garantia de segurança às escolas e da realização de políticas de gênero.

Por fim, ações de organizações como a Iniciativa do Poder das Meninas (GPI), que é uma organização feminista, de desenvolvimento juvenil, sem fins lucrativos, criada em 1993 para intervir na socialização de meninas para a realização de um futuro onde as mulheres são atores visíveis e valorizados na Nigéria, também contribuem para a manutenção de direitos e segurança das meninas.

REFERÊNCIAS

- ADIBE, Jidefor. **What do we really know about Boko Haram? In: Boko Haram Anatomy of a Crisis**, Ed: MANTIZKOS, Ioannis, Bristol, e-International Relations, 2013.
- AGBIBOA, Daniel E. Peace at Daggers Drawn? Boko Haram and the state of emergency in Nigeria. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 37, n. 1, p. 41-67, 2014.
- AGBIBOA, Daniel E. Peace at Daggers Drawn? Boko Haram and the State of Emergency in Nigeria. **Studies in Conflict & Terrorism**, October 18, 2013.
- AGUILAR et al. El carácter sexual de la violencia contra las mujeres. Las violencias en Guatemala. Algunas perspectivas. UNESCO, **Colección Cultura de Paz**, nº10, Guatemala, 2000.
- AJAKAIYE, et al. Mídia, relatório de terrorismo e lições de consciência sustenta: a cobertura dos jornais nigerianos sobre o sequestro das meninas de Chibok. **Pesquisa em Jornalismo Brasileiro [online]**. 2021, v. 17, n. 1, pp. 118-151.
- AL JAZEERA. **The challenge of reporting on Boko Haram**; Al Jazeera. 2012.
- ALEMANY, Carme. Violências. In: Hirata, Helena et al (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.
- ALENCAR, A. K. S. de. **A supressão dos direitos das mulheres nigerianas pelo Boko Haram [livro eletrônico]: algumas abordagens da mídia brasileira (de 2002 até 2018)** – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

- AMNESTY INTERNATIONAL. 'Welcome to Hell Fire' **Torture and Other Ill-** Treatment in Nigeria. Londres, 2014.
- AMNESTY INTERNATIONAL. 'Welcome to Hell Fire' **Torture and Other Ill-** Treatment in Nigeria. Londres, 2014.
- ANISTIA INTERNACIONAL. Nigeria: Rape - **The Silent Weapon**. 28 novembro 2006.
- ANISTIA INTERNACIONAL. **'Nosso trabalho é atirar, massacrar e matar' O reinado de terror do Boko Haram no nordeste da Nigéria** Londres: Anistia Internacional. 2015.
- BBC NEWS. **As desumanas 'fábricas de bebês' na Nigéria, que engravidam mulheres sequestradas para vender seus filhos**. BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49917739>.
- BBC NEWS. **Boko Haram: o sequestro de meninas que comoveu o mundo**. BBC, 2021.
- BOURNE, R. **Nigéria: Uma Nova História de um Século Turbulento**, London, 2015.
- CAMPBELL, J., HARWOOD, A. O impacto mortal do Boko Haram. **Conselho de Relações Exteriores** 2018.
- CIERCO, Teresa; BELO, António. Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº21. Brasília, setembro-dezembro, 2016. pp. 121-146.
- DE ALMEIDA ROCHA, Raquel Maria. **O histórico da segurança humana e o (des) encontro das agendas de desenvolvimento e segurança**. Carta Internacional, v. 12, n. 3, p. 104-129, 2017.
- DE CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado. **A Châr'ia muçulmana**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 101, p. 33-70, 2006.
- DE OLIVEIRA, Ariana Bazzano et al. **Segurança Humana: avanços e desafios na política internacional**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- DOMINGOS, A. B. MOÇAMBIQUE, F. L. A contemporaneidade da educação africana: o presente a despeito do passado e da cultura. Que perspectivas? **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 6, n. 2, p. 275–288, mai./ago. 2017.
- DORELL, O. Terroristas sequestram mais de 200 meninas nigerianas. **USA Today** 2014.
- FALOLA, Toyin, and HEATON, Matthew. **A History of Nigéria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- FERREIRA DA ROSA, Daniel. **A atuação da Organização das Nações Unidas frente ao emprego de crianças-soldado em conflitos armados: uma análise do caso nigeriano**. 2022.
- G1 Globo.com. "Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos"; G1 Globo.com. 2015.
- G1. **Massacre do Boko Haram teve pouca repercussão internacional; entenda**. São Paulo, 13 jan. 2015.
- GOLÇALVES, Joannisval Brito; REIS, Marcus Vinícius. **Terrorismo: conhecimento e combate**. Rio de Janeiro: Impetus, 2017.
- HARITOS-FATOUROS, Mika. The psychological origins of institutionalized torture. **Psychology Press**, 2003.
- HUMAN RIGHTS COUNCIL. **Report of the United Nations High Commissioner for Human Rights on violations and abuses committed by Boko Haram and the impact on human rights in the affected countries**, United Nations, 2015.
- HUMAN RIGHTS WATCH. **Those Terrible Weeks in their Camp: Boko Haram Violence against Women and Girls in Northeast Nigeria**. Estados Unidos da América, p. 1-63, 2014.

- HUMAN RIGHTS WATCH. “Those Terrible Weeks in their Camp” **Boko Haram Violence against Women and Girls in Northeast Nigeria**. Outubro 2014.
- LAZREG, M. Consequências da liberalização política e mobilização sociocultural para as mulheres na Argélia, Egito e Jordânia. Em AM Goetz (Ed.), **Mulheres governando: eficácia política das mulheres em contextos de democratização e reforma da governança** (pp. 45-62). Nova York: 2009.
- LIMA, Cila. **Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- LOPES, L. N. **A violência do Boko Haram contra as mulheres na Nigéria: uma análise feminista e pós-colonial do sequestro das meninas de Chibok**. Universidade Estadual da Paraíba Campus V – Ministro Alcides Carneiro. João Pessoa - PB 2016
- MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. In: SCHPUN, Monica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo. pp. 35-78. 2004.
- MACLEAN, R. Estudantes nigerianas continuam desaparecidas após resgate 'fabricado' pelos militares. **The Times** 2014.
- MARTINEZ, L. Os Estados Unidos enviam voos tripulados sobre a Nigéria em busca de meninas. **ABC News** 2014.
- OLEKE, J. E. **Gênese e evolução do terrorismo islamista na Nigéria: caso do grupo Boko Haram**. Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Economia e Relações Internacionais. Uberlândia 2022.
- PALADINI, Rafaela. **A Nigéria e o Boko Haram**. In: **Séries e Conflitos Internacionais**, v.1, n.5, outubro 2014.
- PEREIRA, Charmaine. **Promover uma agenda feminista para a mudança, um ponto de vista da Nigéria**. Revista Serie Dialogo Feminista, p. 01-05, 2016.
- PERKINS, A. 200 meninas estão desaparecidas na Nigéria – então por que ninguém se importa? **The Guardian**, 2014.
- RIOS, G. Q. T. **O Boko Haram: surgimento, atuação e relação com a mídia internacional**. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília 2018
- ROSA, D. F. **A atuação da organização das nações unidas frente ao emprego de crianças-soldado em conflitos armados: uma análise do caso nigeriano**. Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), 2022.
- SOMMIER, Isabele. **Le Terrorisme**: Paris Dominos Flammarion, 2000.
- TELES, Patrícia Galvão. **A ONU e o combate ao terrorismo**. JANUS. 2003.
- TEXEIRA, T. H. **Entre viver e sobreviver: a insegurança humana na Nigéria no século XXI**. Relações Internacionais do Centro Universitário Ritter dos Reis. 2022.
- TRANSPARENCY INTERNATIONAL. “Corruptions Perceptions Index 2016”; **Transparency International**. 2017.
- UNICEF. **Children recruited by armed forces or armed groups. 2019**.
- VISENTINI, Paulo Fagundes (org.). **O Livro na Rua: Nigéria**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011.
- WALKER, Andrew. What is Boko Haram?. **US Institute of Peace**, 2012.

